

RELAÇÃO AMOROSA, CASAMENTO, SEPARAÇÃO E TERAPIA DE CASAL

Coordenadora:

Terezinha Féres-Carneiro (PUC/Rio)

Participantes:

Maria Rita D'Angelo Seixas (EPM)

Mathilde Neder (PUC/SP)

Bernardo Jablonski (UERJ)

Glaucia Diniz (UnB)

Ana Maria Nicolaci-da-Costa (PUC/Rio)

Nilson Gomes Vieira Filho (UFPE)

Lidia Levy Alvarenga (USU e PUC/Rio)

Julia Ferro-Bucher (UnB)

Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado (UERJ)

ESCOLHA AMOROSA, RELAÇÃO CONJUGAL E TERAPIA DE CASAL: UM ESTUDO SOBRE NAMORO, CASAMENTO, SEPARAÇÃO E RECASAMENTO

Terezinha Féres-Carneiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Dando continuidade às investigações que vimos desenvolvendo no Núcleo de Pesquisa intitulado **Casamento e Terapia de Casal**, este estudo tem como objetivo investigar o processo de escolha amorosa de homens e mulheres das camadas médias da população carioca, de diferentes faixas etárias, em diversas situações amorosas - namoro, casamento, separação e recasamento; as características das relações conjugais por eles estabelecidas; e o papel atribuído à terapia de casal na manutenção ou na ruptura da relação amorosa.

No estudo da escolha amorosa, utilizamos atributos dispostos em escalas de avaliação tal como proposto por Buss (1988, 1989) e entrevistas semi-estruturadas que continham, além de itens referentes à escolha de parceiros, tópicos relacionados a dimensões relevantes da interação conjugal a partir de categorias estabelecidas por Féres-Carneiro (1987) e ao papel da terapia de casal.

Os seguintes atributos compuseram as escalas de avaliação de escolha de parceiro amoroso: **inteligência, compreensão, semelhança de valores, capacidade erótica, equilíbrio, carinho, capacidade econômica, integridade, responsabilidade, competência profissional, senso de humor, atração física, sociabilidade, paixão, ambição, jovialidade, ausência de ciúmes, capacidade para ter filhos, cultura, liberação sexual, igualdade de crença religiosa, saúde, compatibilidade de ideais, companheirismo e respeito à privacidade.**

Estas escalas foram aplicadas em uma amostra constituída por 241 sujeitos, dos quais 53 eram solteiros (as), 64 casados (as), 63 separados (as) e 61 recasados (as), distribuídos três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 45 anos e 46 a 55 anos.

Num segundo momento, uma entrevista cujo roteiro era composto de 10 categorias - **escolha amorosa, virgindade, fidelidade, ciúme, relacionamento sexual, solidão, influência da AIDS, privacidade, liberdade e papel da terapia de casal** - foi aplicada em 74 sujeitos, sendo 18 casados, 19 recasados, 12 solteiros e 25 separados.

As análises das escalas de avaliação sobre escolha amorosa mostraram algumas diferenças significativas entre as diversas condições amorosas, entre os homens e as mulheres e entre as faixas etárias.

No grupo dos casados, os homens valorizam, na escolha da parceira, a **atração física**, enquanto as mulheres priorizam a **capacidade econômica**, a **competência profissional** e a **paixão**. No grupo de recasados, os homens valorizam mais a **jovialidade** e a **atração física**, enquanto as mulheres, a

capacidade econômica, a competência profissional e o respeito à privacidade. Na comparação entre casados e recasados, homens e mulheres, em relação ao parceiro atual, a **fidelidade** é mais valorizada pelos casados. Outras diferenças significativas entre os diversos grupos estudados serão discutidas no Grupo de Trabalho.

Através das entrevistas, diversas dimensões da relação conjugal, além da escolha amorosa, foram avaliadas. A categoria **virgindade** aparece, de uma maneira geral, como sendo um conceito ultrapassado, contudo, constata-se que as mulheres valorizam o ritual da perda da virgindade. A **fidelidade** aparece intimamente relacionada à estabilidade do relacionamento e a grande maioria dos sujeitos afirma que, quando se sente bem na relação, não pensa em trair. O **ciúme**, tanto para homens quanto para mulheres, em todas as condições amorosas, aparece como um "tempero" da relação. O **relacionamento sexual** é visto como um elemento essencial significando a cumplicidade do casal e a completude do relacionamento. A frequência das relações sexuais é considerada como sendo relativa, dependendo da sintonia do casal. No que se refere à insatisfação sexual, para os homens solteiros e separados, esse não é um fator determinante para o rompimento da relação, enquanto para as mulheres esse seria um fator determinante. Em relação à categoria **solidão**, de uma maneira geral, os entrevistados dizem que as pessoas estão muito sozinhas em função da violência de nossa cidade e de fatores como a AIDS. Em relação à **AIDS**, ela influencia mais na vivência da sexualidade dos parceiros solteiros e separados, e reduz a frequência das relações. Os conceitos de **privacidade e liberdade** aparecem como complementares, e a maioria dos entrevistados não faz distinção entre um e outro. A partir destas duas categorias colocam a necessidade do respeito ao espaço do parceiro e ao seu próprio, para que um relacionamento seja mais duradouro e menos conflituoso.

No que diz respeito à **terapia de casal**, nenhum dos sujeitos entrevistados passou pela experiência da terapia conjunta, apesar de alguns deles terem pensado nesta possibilidade como uma alternativa na busca de soluções para os momentos de crise. A maioria demonstrou acreditar que a terapia de casal seria um caminho adequado para entender questões conjugais e buscar soluções para os conflitos e as dificuldades.

APRENDENDO A VIVER A DOIS

*María Rita D'Angelo Seixas
Escola Paulista de Medicina*

Abordaremos a importância de uma perspectiva transgeracional para a compreensão do processo de escolha e formação de um casal e a evolução de sua relação amorosa.

Ilustraremos o trabalho com o relato de sessões de terapia de um casal, em que empregou-se a técnica de escultura das famílias de origem do par e da

família atual. Pretendemos demonstrar como este tipo de recurso pode agir, de forma a permitir aos cônjugues uma nova visão de sua história atual e a reconstrução conjunta de um novo relato, através do abandono de modelos antigos e a quebra de lealdades disfuncionais com as respectivas famílias de origem.

LUTO PELO FILHO IDEALIZADO EM CLÍNICA OBSTÉTRICA: ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE CASAIS ANTE O DIAGNÓSTICO DE MALFORMAÇÃO FETAL INCOMPATÍVEL COM A VIDA.

Mathilde Neder

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Num ambulatório de Obstetria têm sido atendidas, sistematicamente, pelo Serviço de Psicologia, pacientes gestantes que receberam o diagnóstico de malformação fetal.

Durante 12 meses foram atendidas 35 gestantes que, após receberem o diagnóstico de malformação fetal incompatível com a vida, optaram por tentar obter, judicialmente, autorização para interrupção, medicamente assistida, da gestação em curso.

Ante a angustiante situação, fez-se necessária a interferência do profissional psicólogo para o atendimento dessas pacientes, inclusive como auxiliar no processo decisório relativo à interrupção ou manutenção da gestação. Sempre que possível, buscou-se o atendimento psicológico do casal nessa situação, por considerar-se que o confronto com tal diagnóstico gera uma situação crítica para esses indivíduos, com especiais significado e repercussão, dado que ocorre num momento de crise normativa no ciclo vital feminino: o ciclo gravídico-puerperal.

No trabalho direto com esses casais, foi possível observar que às reações iniciais de choque, desespero, descrença e negação, seguiam-se frequentemente rivalidade e auto-acusações, paralelamente a um questionamento, junto à equipe profissional sobre causalidade, precisão diagnóstica e prognóstico do feto/bebê.

Esse confronto conjunto com a realidade tendia a fortalecer o vínculo do casal parental e possibilitar-lhes o contato mais realista com as (im) possibilidades de sua situação. A possibilidade de contar com um espaço terapêutico, neste momento, favorecia a elaboração do luto pelo filho idealizado, do significado daquela gestação em particular e a tomada de decisões em relação à sua manutenção, de maneira compartilhada e solidária, pelo casal. A partir desta reflexão, sentiram-se fortalecidos para solicitar, junto ao poder judiciário, a interrupção da gestação. Tal solicitação foi levada a cabo por 27 casais e 8 gestantes solteiras. Destes, 16 obtiveram autorização judicial para que a interrupção médica da gestação se efetivasse.

Foi possível observar que o acompanhamento terapêutico breve destes casais, em situação de crise, instrumentalizou-se a lidar com as vicissitudes da demanda judicial e da interrupção propriamente dita, bem como o luto daí decorrente.

Paralelamente, nos casos em que a interrupção não foi autorizada, o casal, embora frustrado em suas expectativas/demanda, encontrou condições pessoais e mesmo respaldo familiar para suportar esta frustração e o dever de uma gestação fadada a não produzir um bebê sadio/vivo.

NOVAS DEMANDAS SOCIAIS: NOVOS PAPÉIS CONJUGAIS

Bernardo Jablonski
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A necessidade de ajuste e de adaptação às mudanças sócio-econômicas que se fazem presentes nos grandes centros urbanos ocidentais vem colocando os casais em "crise": demandas muitas vezes antagônicas, relacionadas à questão da autoridade, dos papéis sociais e funções a serem desempenhadas pelo casal ou por cada um de seus membros, atuam de forma a precipitar profundas mudanças nas expectativas e no comportamento dos cônjuges.

Some-se a isto o aumento do número de divórcios, uma concepção de amor altamente idealizada, a diminuição do número de filhos, o isolamento social, a diminuição da religiosidade e o resultado significa um estado psicológico que pode ser definido, com pouca margem de erros, como de "crise".

A insatisfação (frustração, sentimentos de desamparo e de inadequação) que resulta do conflito entre a percepção do que poderia ser uma união afetiva estável e de uma realidade confusa e pouco gratificante, por força da atuação de variáveis externas, vem levando muitos casais (basicamente de classe média) a uma ambivalência quanto ao abandono de velhos modelos ou a adoção de outras práticas pouco testadas e/ou atraentes.

O estudo interdisciplinar da questão, reunindo psicoterapeutas de casal e de família, sociólogos, antropólogos, demógrafos e psicólogos sociais, nos parece um caminho bastante proveitoso para o entendimento e também para a busca de soluções menos dolorosas para a situação de crise pela qual acreditamos estar passando o casamento hoje.

DILEMAS DE TRABALHO, PAPEL DE GÊNERO E MATRIMÔNIO EM CASAIS QUE TRABALHAM FORA EM TEMPO INTEGRAL.

Glaucia Diniz
Universidade de Brasília

A entrada maciça de mulheres na força de trabalho é considerada o fator que alterou fundamentalmente a família neste século. Com o grande número de mulheres casadas trabalhando fora de casa, relações matrimoniais chamadas

de dupla-carreira (dual-career) e de duplo-trabalho (dual-worker) estão deixando de ser a exceção para se tornarem a norma. A literatura aponta que este estilo de vida é muito estressante e que o índice de divórcio entre estes casais é alto, provavelmente devido à quantidade de energia necessária para equilibrar o trabalho, a vida familiar e a relação matrimonial. Esta pesquisa examina a influência de alguns conceitos identificados por O'Neil, Fishman e Kinsella-Shaw (1987) como relevantes para entender a dinâmica destes relacionamentos. O modelo para avaliação de casais de dupla-carreira criado por estes autores propõe uma interação contínua entre gênero, trabalho e casamento/família. Por esta razão atributos de gênero, satisfação no trabalho, importância do trabalho e satisfação no casamento foram escolhidas como variáveis neste estudo.

Esta pesquisa objetiva:

- a) apontar as semelhanças e diferenças entre casais de dupla-carreira e duplo-trabalho no tocante a dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio, usando *o teste de t para amostras independentes e o teste do qui-quadrado;*
- b) prever a satisfação matrimonial desses casais baseada na satisfação no trabalho, importância do trabalho e nos atributos de gênero através de um modelo de regressão múltipla;
- c) comparar os dados dos casais brasileiros com dados de pesquisa similar realizada nos EUA.

Cem casais de dupla-carreira e duplo-trabalho responderão a 4 questionários associados com cada uma das variáveis mencionadas acima e os dados do casal serão utilizados nos procedimentos estatísticos. Os resultados gerarão uma discussão importante sobre a interação entre os mundos da família e do trabalho, e fornecerão subsídios para o incremento dessa área de pesquisa no Brasil.

POR QUE NÃO SER SOLTEIRO?

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Os tempos mudam e também mudam as soluções dadas a velhos problemas. No início do século XX, o alemão Georg Simmel já discutia o problema gerado por um conflito inerente ao casamento monogâmico por amor: o conflito entre individualismo e amor romântico.

Mais ou menos na mesma época, a literatura brasileira abordava problemas análogos principalmente através da pouco conhecida, embora magistral, obra de Afósio de Azevedo intitulada "Livro de uma Sogra".

Ainda no Brasil, a década de 70 presenciou, pela primeira vez na história da sociedade brasileira, um "boom" de descasamentos. Esses descasamentos representavam, naquela década, uma tentativa de solução para os mesmos, e já antigos, problemas conjugais descritos por Simmel e Azevedo.

Mais recentemente, já na década de 90, podemos detectar a emergência

de um outro tipo de solução. Esta solução - que está cada vez mais difundida, ainda que não assumida por muitos, entre os membros da mesma geração do "boom" dos descasamentos - poderia ser resumida na seguinte pergunta: por que não ser solteiro?

É sobre essa nova opção que gostaria de basear minha apresentação.

CASAL CATÓLICO E FILHA ESQUIZOFRÊNICA: DESCONSTRUINDO O DUPLO VÍNCULO?

Nilson Gomes Vieira Filho
Universidade Federal de Pernambuco

O casal aqui é estudado a partir de um tratamento terapêutico familiar psicossocial originado por problemática relacionada a filha "esquizofrênica", membro sintomático, no âmbito de um programa de pesquisa *práticas terapêuticas e preventivas em saúde mental*.

Trata-se de um casal de idosos, ex-religiosos, católico praticante, vivenciando o mito da fidelidade conjugal, num sistema familiar numeroso e de configuração patriarcal, onde o marido é ex-profissional liberal aposentado e a mulher doméstica. De classe média, com certa dificuldade econômica, este casal acolhe a filha "esquizofrênica" depois de um desligamento (separação não confirmada) com o segundo esposo. A relação matrimonial apresenta-se de tendência paralela, com um conflito conjugal recalcado, mesclado de uma representação de expiação de culpa em relação a este "novo" membro, que volta a reativar uma crise no sistema familiar.

A interação simbiótica mãe-filha é revivenciada num espaço onde a primeira mantém seu poder de "dona da casa" e a segunda reassume o papel de filha "doente mental". O duplo-vínculo existente na comunicação familiar mostra-se portanto mais acentuado entre as duas, às vezes com retroações de intensa ambivalência. Tudo isso vem somar-se a uma referência de atendimento precário psiquiátrico no SUS, única oferta de acesso naquele período. O medo latente de emergência de uma nova crise psicótica e uma conseqüente reinternação construiu um ambiente contaminado por uma concepção de doente/louco/perigoso, criando uma ansiedade generalizada e de difícil administração tendo por conseqüência mais imediata o controle (latente ou manifesto) do comportamento desviante da cliente, reforçando assim um processo de exclusão social que vem intensificar seu sofrimento psíquico.

O atendimento familiar (associado à terapia individual da paciente e ao atendimento psiquiátrico ambulatorial), durante mais de três meses na Clínica Psicológica da UFPE, teve como foco principal a desconstrução da problemática do estereótipo doença mental/periculosidade social que contaminava e patologizava a rede de interações significativas da cliente. Este processo de desconstrução/re-construção terapêutica parece ter como efeitos principais: a introdução de um circuito de comunicação dialógica, uma importante "diluição" do núcleo duro do referido estereótipo, uma atenuação do duplo vínculo e se esboçava uma melhor integração do cliente (já fazia algum trabalho). Este

contexto parece ter influenciado na atenuação dos conflitos latentes do casal que mostrava-se menos ansioso e mais compreensivo em relação à situação da filha.

UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO LAÇO CONJUGAL

Lídia Levy de Alvarenga

Universidade Santa Úrsula e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

A partir do texto freudiano, toda escolha amorosa tem sua base num movimento pulsional que visa reencontrar o objeto perdido; neste sentido a escolha amorosa é uma tentativa de, através do outro, buscar a completude. Procura-se no parceiro da relação conjugal um suporte para o próprio narcisismo, ou seja, o cônjuge objetiva seu narcisismo ao apoiar sua libido no parceiro, dele esperando a confirmação de seu ser e de sua forma de amar.

Há uma expectativa de que cada parceiro reafirme a imagem que o outro tem de si mesmo. Diante da negação ou reafirmação desta imagem, conflitos intrapsíquicos encontram no parceiro de uma relação conjugal um espaço propício para sua absorção. A conjugalidade é considerada como um dos laços sociais privilegiados na função de validar a identidade dos sujeitos que formam um casal.

Podemos afirmar que, por um lado, a origem da formação de um casal corresponde a uma tentativa de restauração do narcisismo ilimitado, ao desejo de anular diferenças e encontrar um equilíbrio mesmo pelo conflito; mas, por outro lado, quando um casal se forma, para que cada cônjuge tolere as peculiaridades do outro, faz-se necessária uma limitação de seus narcisismos. Se o movimento no sentido da criação de laços sociais é um dos métodos pelos quais se tenta fugir ao desprazer, também é um movimento que acaba por provocar um certo mal-estar. O social pressiona no sentido do amor e da formação de vínculos, porém a tensão permanente entre a união e o desligamento conduz a vida amorosa a impasses que lhe são inerentes.

A relação conjugal ganha em dinamismo quando se transforma em espaço de articulação de diferenças e permite um questionamento constante de seu "equilíbrio"; neste sentido, a crise que irrompe entre os membros de um casal permite o surgimento de uma perspectiva de movimento, de transformação da economia libidinal em cada sujeito e de transformação da relação por eles constituída.

VÍNCULO CONJUGAL: DA UNIÃO À SEPARAÇÃO E O CONTROLE MÚTUO DO DESTINO.

Júlia Ferro Bucher

Universidade de Brasília

Partindo de entrevistas realizadas com casais separados vivendo diferentes fases do processo de separação, realizamos uma análise dos conteúdos dessas entrevistas e apresentamos os principais resultados decorrentes do pacto

realizado entre os cônjuges "até que a morte os separe". São discutidos os conceitos de união, de separação bem como o problema fundamental do significado do vínculo conjugal sob a perspectiva do controle mútuo do destino.

Levamos em consideração nesta análise não só os fatores internos ou inconscientes como os fatores objetivos apresentados ou encontrados no conteúdo das entrevistas.

PSICOTERAPIA DE CASAL: UMA EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO

*Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

No Setor de Psicoterapia de Família do Serviço de Psiquiatria do HUPE/ UERJ, temos notado uma demanda cada vez maior para terapia de casal, que nos parece ser a mais difícil abordagem psicoterápica.

É na conjugalidade que se realizem as questões mais básicas às quais todo ser humano tem que fazer face, e que dizem respeito ao nascimento, à sexualidade, à separação e à individuação. Na conjugalidade se efetivam as fantasias originárias de sedução, castração e cena primária, fantasias organizadoras do psiquismo individual primitivo, implicando na diferença dos seres e dos sexos, na identidade sexual e na individuação. Além disto, a busca do companheiro é um dos organizadores familiares (Eiguer, 1983) constituindo-se assim o aparelho psíquico conjugal, base para o aparelho psíquico familiar. Esta busca se vê marcada por todas as questões individuais de cada membro do casal, se dando de uma forma assombrosamente complementar e recíproca. Questões não resolvidas ou mal resolvidas se reeditam na conjugalidade em busca de soluções, mas comumente tais soluções não são conseguidas, aumentando-se os complicadores.

Por tudo isto, tecnicamente a terapia de casal é particularmente difícil, e o que temos observado é que separação, individuação e sexualidade estão muito comprometidos em nossa clientela, com a presentificação de questões disfuncionais e que encontra no parceiro a complementaridade. Basicamente, o conflito original não está superado, são acentuados os estados de entranhamento e a indiferenciação, havendo a prevalência de padrões narcísicos de relacionamento.

Estamos num trabalho incipiente, mas tencionamos pesquisar a relação entre a abordagem técnica e a possível melhora nos padrões de separação e individuação, bem como a mudança para padrões objetivos de relacionamento.